

A REGRA DE OURO E O MANDAMENTO DO AMOR ANALISADAS NUMA PERSPECTIVA NIETZSCHIANA E UM LAPSO DO AUTOR DE ZARATUSTRA SOBRE ESSAS MÁXIMAS CRISTÃS

THE GOLDEN RULE AND THE COMMANDMENT OF LOVE ANALYZED
FROM A NIETZSCHEAN PERSPECTIVE AND A LAPSE OF THE AUTHOR
OF ZARATHUSTRA ON THESE CHRISTIAN PILLARS

*Marcus Túlio Caldas**

*Sergio Gonçalves Ferreira**

RESUMO

O objetivo central deste artigo é examinar a regra de ouro e o mandamento do amor, com base em concepções de Nietzsche. Para tanto, a regra e o mandamento foram explorados considerando comentários de cinco edições bíblicas de estudo traduzidas no Brasil. Desenvolvendo esta pesquisa, verificou-se que a interpretação que a igreja católica vem dando a essas máximas pode ser vista como incompleta. Além disso, encontrou-se uma omissão do autor de *Zaratustra* sobre essas mensagens evangélicas. Na análise foram levadas em conta, basicamente, duas partes da filosofia nietzschiana: a crítica que ele fez à compaixão, conforme pregada pelo cristianismo; juntamente com a defesa do filósofo sobre a importância que as pessoas deveriam dar às suas vidas e ao conhecimento de si mesmas. O estudo foi feito considerando, principalmente, a terceira e última fase da produção do filósofo. Na parte final do artigo é levantada a questão: por que Nietzsche teria omitido a fala de Cristo referente ao amor que as pessoas deveriam ter por si mesmas?

* Médico psiquiatra, doutor em psicologia pela Universidade de Deusto - Espanha, professor do curso de psicologia, graduação e pós graduação, da Universidade Católica de Pernambuco. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1339552476079975>. E-mail: marcus_tulio@uol.com.br.

* Doutorando em Psicologia, Mestre em Administração, Economista, Engenheiro Civil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5760742172866090>. E-mail: sergio@guimaraesferreira.com.br.

Palavras chave: Regra de ouro; mandamento do amor; compaixão; si mesmo; Nietzsche.

ABSTRACT

The main purpose of this article is to examine the golden rule and the commandment of love based on Nietzsche's conceptions. For this, the rule and the commandment were explored considering comments from five Bible study editions translated in Brazil. While doing this research, it has been found that the Catholic Church's interpretation on these pillars can be considered as incomplete. Moreover, an omission by the author of Zarathustra on these evangelical messages was found. For the analysis, two parts of Nietzsche's philosophy were taken into account: the criticism he made on compassion, as preached by Christianity; together with the philosopher's theory regarding the importance people should give to their lives and to self-knowledge. The study was made considering, mainly, the third and final phase of the philosopher's writings. Towards the end of the article a question is raised: why did Nietzsche omit Christ's speech concerning the love that people should have for themselves?

Keywords: Gold rule; commandment of love; compassion; yourself; Nietzsche.

INTRODUÇÃO

Conforme está escrito nos próprios trechos dos evangelhos, Jesus Cristo coloca a *regra de ouro* e o *mandamento do amor*¹ como as pregações que resumem a lei e os profetas; estes são anunciados como os preceitos máximos do seu ensinamento.

A regra de ouro aparece em Mateus 7,12 e em Lucas 6,31. Ela está no sermão da montanha, no qual Jesus fala para uma multidão. A *Bíblia Sagrada Edição CNBB* apresenta a seguinte tradução: "Tudo, portanto, quanto desejais que os outros vos façam, fazei-o, vós também, a eles. Isto é a Lei e os Profetas" (Mt 7,12). "Assim como desejais que os outros vos tratem, tratai-os do mesmo modo" (Lc 6,31).

O mandamento do amor está escrito nos evangelhos de Mateus 22,37-40, de Marcos 12,28-34 e de Lucas 10,25-28. Ele surge num diálogo, no qual o mestre é questionado por um Doutor da Lei, sobre qual é o maior mandamento. A *Bíblia Sagrada Edição CNBB* apresenta a proclamação de Jesus nos seguintes termos: "*Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração e com toda a tua alma, com toda a tua força e com*

¹ A expressão *mandamento do amor* é adotada neste artigo lembrando Max Scheler, na sua conferência *A ideia cristã do amor e o mundo atual* (SCHELER, Max. 2015; p. 495).



todo o teu entendimento; e teu próximo como a ti mesmo” (Lc 10,27). “Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu entendimento! Esse é o maior e o primeiro mandamento. Ora, o segundo lhe é semelhante: Amarás teu próximo como a ti mesmo. Toda a Lei e os Profetas dependem desses dois mandamentos” (Mt 22, 36). “Jesus respondeu: O primeiro é este: *Ouve, Israel! O Senhor nosso Deus é um só. Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com toda a tua força.* E o segundo mandamento é: Amarás teu próximo com a ti mesmo! Não existe outro mandamento maior do que estes” (Mc 12, 29-31).

O âmago da pesquisa ora apresentada consistiu em analisar os comentários sobre essas máximas, postos nas traduções de cinco edições bíblicas para estudo. Nessa direção, no artigo procura-se realizar um diagnóstico sobre os pontos em comum, presentes nas anotações vistas, especificamente, nesses livros sagrados comentados.

As bíblias escolhidas foram católicas porque julgou-se que, partindo dessa tradição religiosa, com o comando centralizado em Roma, há condições de captar o pensamento da religião de maneira mais uniforme e, tacitamente, é onde encontra-se maior poder de difusão. As edições analisadas situam-se entre as traduções comentadas mais difundidas no meio católico brasileiro: *Bíblia de Jerusalém, Bíblia Sagrada Ave-Maria, Bíblia Sagrada Edição Pastoral, Bíblia do Peregrino e a Tradução Ecumênica da Bíblia TEB* (KONINGS, 2016).

Partindo da pesquisa realizada, no artigo são apresentadas as nossas considerações sobre as notas comentadas dessas bíblias. Prosseguindo, são trazidas as ideias nietzschianas como referencial filosófico para analisar a postura hegemônica da tradição cristã. Ao final, após apontar a omissão de Nietzsche sobre os textos evangélicos, ressalta-se a importância e a perenidade da palavra de Jesus Cristo.



1. ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS SOBRE AS MÁXIMAS CRISTÃS

Antes da apresentação das nossas observações sobre os comentários das bíblias pesquisadas, é oportuno notar que na *regra de ouro* a pregação de Jesus está na voz plural. É o mestre do cristianismo falando para uma multidão, mas referindo-se a dois grupos de pessoas, indicando como uma comunidade deveria relacionar-se com a outra.

Por sua vez, o mandamento do amor está expresso gramaticalmente no singular. Trata-se de um diálogo, no qual Jesus pôde dirigir-se a uma pessoa, singularizando uma pregação de caráter universal. Convém destacar que Lucas coloca Jesus ouvindo o mandamento do seu interlocutor, enquanto em Mateus e em Marcos, é o próprio mestre que faz a proclamação, dando uma resposta ao doutor da Lei.

Quanto as nossas observações sobre os comentários das bíblias católicas acima relacionadas, especificamente sobre a citada regra e o mandamento, de antemão, ressaltamos uma lacuna: a ausência de notas sobre o amor por si mesmo; sobre o que se deseja que os outros façam conosco, ou, como queremos ser tratados. Com efeito, as reflexões dos comentadores sobre os textos evangélicos em pauta, praticamente, só dizem respeito à atenção que se deve ter com o próximo, com os outros, bem como à ligação dos seres humanos com Deus. Este fato chama atenção porque o próprio Jesus fala nessas máximas, efetivamente, do amor que o homem deveria ter por si, que implica em se autoconhecer individual e coletivamente.

Os autores deste artigo compreendem da seguinte maneira essa omissão da igreja: a tradição cristã, com o objetivo de promover a manutenção da ordem social, tomou o *amor ao próximo*, ou seja, a pregação da compaixão, como princípio norteador do *dever ser* moral. Por outro lado, no nosso entender, essa ênfase na compaixão provocou um esquecimento do outro princípio que também é observado na pregação de Jesus, a saber: amar a si mesmo.

Igualmente, no nosso entender, uma postura no mínimo duvidosa e enganosa passou a ser compreendida, em geral, como natural e orgânica, a saber: é fácil conhecer a si mesmo; por outro lado, difícil é saber os desejos dos outros, isto é, conhecer as necessidades do próximo. Ou seja, passou-se a priorizar o outro, o distante, por



intermédio da compaixão, uma vez que as questões pessoais eram tidas como já resolvidas. Nessa ótica, o Eu parece ter ficado em segundo plano.

Deixando o campo das possibilidades, o fato evidente é que a tradição incentivou o olhar para os outros, em detrimento do bem-estar pessoal, dado que olhar para si representaria egoísmo, enquanto o bem cristão estaria apenas no altruísmo.

Nietzsche, por sua vez, foi um crítico dessa compaixão, conforme ilustra o seguinte fragmento: “[...] a vontade que se volta *contra* a vida, a última doença anunciando-se terna e melancólica: eu compreendi a moral da compaixão, cada vez mais se alastrando, capturando e tornando doentes até mesmo os filósofos” (GM,5)².

Por outro lado, a igreja³ sempre resistiu a críticas e entende a sua normatização como infalível, firme e real; verdadeiramente, estabelecendo o que os fiéis devem desejar e como comportar-se no mundo. Sendo assim, não pensou em promover a reflexão e o debate, pelo povo e com o povo. Também, evidentemente, sem o cristianismo perceber que essa sua moral é parcial e não corresponde à plenitude da palavra de seu mestre, haja vista que a metade das suas duas máximas, na prática, é ignorada.

2. CRÍTICA DE NIETZSCHE A VISÃO CRISTÃ DE COMPAIXÃO

Registra-se que a crítica nietzschiana à compaixão não significa uma pura reprovação à solidariedade, nem que o filósofo compactua com injustiças sociais: “A boa índole, a amabilidade, a cortesia do coração são permanentes emanações de impulso altruísta, e contribuíram mais poderosamente para a cultura do que as expressões mais famosas do mesmo impulso chamadas de compaixão, misericórdia e sacrifício”

² Neste artigo, as citações das obras de Nietzsche obedecem às normas internacionais, adaptadas para o português, que utilizam siglas para os títulos dos livros; numeração romana para as partes dos livros e arábica para os aforismos. Assim, *Genealogia da moral* aparece como – GM; *Além do bem e do mal* como – BM; *Aurora* como – A; *O Anticristo* como – AC; *Humano demasiado humano* como – HH; *Humano demasiado humano II* como – HH II; *Nascimento da tragédia (NT)*; *Assim falava Zaratustra* como – Z; *Ecce Homo* como - EH.

³ No texto, igreja, tradição cristã, cristianismo, cristandade, religião cristã etc, são tomados como semelhantes, pois segue-se Nietzsche, que fez sua crítica às denominações cristãs em geral, sem separar católicos, ortodoxos ou protestantes. O filósofo abordou Lutero diversas vezes em seus escritos, porém, essencialmente tratando-o como alguém que se rebelou, mas permaneceu na mesma fé. Ademais, observa-se que só posteriormente ao filósofo cresceu o movimento evangélico, a partir do *protestantismo e já nas américas*.



(HH I,49). Nesse sentido, de pronto, ressalta-se que a crítica de Nietzsche à compaixão diz respeito a rejeitar o espírito de fracos – é reprovar o comportamento que se enreda no sofrimento e no ressentimento⁴, mais como se estivesse prestando apoio e valorizando a fraqueza, do que mostrando que é possível superá-la. Em outros termos, o filósofo visa mostrar que é viável mudar valores, sair da submissão e ser forte e vitorioso.

Para Nietzsche, a tradição cristã é mestra em importar-se com a fraqueza do próximo. Entretanto, não propriamente removendo-o da miséria. De outra sorte, para ele a instituição termina patrocinando a difusão do sofrimento: “O cristianismo é chamado de religião da *compaixão*. – A compaixão se opõe aos afetos tônicos, que elevam a energia do sentimento de vida: ela tem efeito depressivo” (AC, 7).

Nesse sentido, o filósofo mostrou que a cristandade se fez senhora de uma interpretação moral e, ademais, estabeleceu normas morais de conduta. Essas normas, segundo Nietzsche, em vez de serem salutares para os seres humanos, terminou os prejudicando, pois ao invés de propiciar alegria, satisfação e vitória, atuou no sentido oposto: “Onde, de alguma forma, declina a vontade de poder, há sempre um retrocesso fisiológico também, uma *décadence*. A divindade da *décadence*, mutilada em seus impulsos e virtudes mais viris, torna-se por necessidade o deus dos fisiologicamente regredidos, dos fracos” (AC, 17). Esse retrocesso ocorre para os fiéis porque eles não são levados a olhar para si, para a análise dos seus desejos, necessidades e vontades, mas tão somente a mirar as necessidades do próximo e as determinações da igreja.

Ressalta-se que a igreja, achando-se a organização competente para determinar o que são as faltas humanas e as respectivas punições, condena, por exemplo, uma vida sexual ativa, o comer bem e outros prazeres da existência. Assim, muitas vezes instintos humanos naturais são tomados como os pecados da luxúria e gula, por sinal,

⁴ O ressentimento consiste numa espécie de inveja, ligada à impotência: “O ressentimento forma um tipo que para se definir precisa da existência de outro e da negação desse outro, equiparando, em vista disso, negar e criar. Com isso, compreende-se, de um lado, a sua incapacidade de reagir e, de outro, o estabelecimento do ódio como promotor do avaliar. Ver o outro responsável pela própria dor permite deslocar a compreensão do estado doente para o outro/senhor/forte que é visto como mau e réprobo até o fim enquanto o escravo/fraco/ressentido percebe-se, a partir disso, e somente desse modo, como bom” GEN. *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2016. p. 364 -366.



faltas graves, conforme apontadas em: “Onde quer que a neurose religiosa tenha aparecido na Terra, nós a encontramos ligada a três prescrições dietéticas perigosas: solidão, jejum e abstinência sexual” (BM, 47).

Analisando o que o filósofo citou como *neurose religiosa*, conforme a citação acima, pode-se inferir que o inverso da *solidão, jejum e abstinência sexual*, a saber, companhia, alimentação e amor erótico, constituem necessidades dinâmicas, inerentes aos seres vivos, que precisam ser de alguma forma satisfeitas. Na verdade, para Nietzsche, os seres humanos deveriam compreender essas suas vontades e, em relação a elas, agir com responsabilidade: “[...] um filósofo [...] seria obrigado a situar a noção de grandeza do homem [...] ele determinaria inclusive o valor e o grau, conforme quanto e quantas coisas um indivíduo pudesse aguentar e aceitar, conforme até onde pudesse estender sua responsabilidade” (BM, 212).

1.1 A compaixão como doença

Suponha um homem realizado e alegre em sua vida e este homem observa e é atraído por outro que está triste e sofrendo. É fato que esta observação e atração tem o potencial de abater o estado de ânimo daquele que encontra-se numa situação favorável. Caso ocorra o abatimento, são duas pessoas que passam a ficar doloridas. Assim, o sofrimento do observado passa a ser compartilhado com o do observador, contaminando com penúria a vida de quem estava alegre e feliz. Nietzsche conceitua essa assimilação como compaixão, que, segundo a sua visão, seria o contágio por um homem da dor e tristeza alheia: “Os *doentios* são o grande perigo do homem: não os maus, não os animais de ‘rapina’ [...] são eles, são os mais fracos que mais corroem a vida entre os homens [...] nossa confiança na vida, no homem, em nós” (GM II, 14).

Noutro sentido, pode-se colocar como propósito de um homem forte, alegre e vitorioso, se assim desejar, curar os fracos e doentes, transmitir fortaleza e empoderá-los; entretanto, sem tornar-se também um doente. Neste ponto, antes de continuar a análise da compaixão, segundo Nietzsche, é importante resumir o conceito do filósofo sobre “bom-ruim” *versus* “mau-bom”, pensamento que também relaciona fortes, vitoriosos e alegres a fracos, perdedores e tristes, em contraste. Assim, nessa concepção, os homens fortes, vitoriosos e alegres se encontram no polo positivo, ao



passo que no polo negativo estariam os opostos destes. Por outro lado, aqueles que não estão bem e alegres, veem os outros como pessoas “más”, isto é, como pessoas que embora estejam numa situação de fortaleza e alegria, só gozam isso em razão de maldade e injustiça. Ora, quem acha o outro “mau” vê a si mesmo como “bom”. E, curiosamente, nessa concepção, acham-se “bons” exatamente aqueles que, na origem, para os fortes e alegres, eram os “ruins”. Ou seja, houve uma inversão de valores – surgiram duas dicotomias diametralmente opostas: bom-ruim *versus* mau-bom.

A crítica nietzschiana à compaixão cristã, ocorreu também porque supõe-se que as pessoas fortes e bem-sucedidas assim estejam às custas daquelas que estão sofrendo. De acordo com essa visão, o forte teria obtido a vitória tomando o que era do fraco; portanto, não seria digno o homem forte e vitorioso. Ora, como o fraco enreda-se na miséria e cuida dela, entende que só é possível socializá-la; isto é, fazer com que todos se tornem miseráveis. Já o filósofo afirmava que a vida era como a natureza, pródiga e abundante; igualmente, os homens poderiam ser fortes e vencedores: “Imaginem um ser tal como a natureza, desmedidamente pródigo, indiferente além dos limites, sem intenção ou consideração, sem misericórdia ou justiça, fecundo, estéril e incerto ao mesmo tempo” (BM, 9).

Explorada sinteticamente a temática nietzschiana da compaixão, que na regra de ouro e no mandamento do amor identifica-se com a atenção ao próximo, passa-se a analisar a outra metade dessas máximas cristãs, qual seja, o conhecimento e a atenção a si mesmo.

2. CONHECER A SI MESMO

Enquanto os textos dos comentadores bíblicos pesquisados são pobres na análise da expressão *si mesmo*, Nietzsche é pródigo nessa investigação. Com efeito, ele anunciava-se como um psicólogo e foi, de fato, um entusiasmado incentivador do estudo da consciência, da alma e do espírito⁵: “A alma humana e suas fronteiras [...],

⁵ Espírito (*der Geist*) para Nietzsche é o *pensamento consciente*, especialmente o filosófico, como foi apontado pela comentadora Maudemarie Clark (CLARK, p.27, 2016).



as alturas, profundezas e distâncias dessas experiências, toda a história da alma *até o momento*, e as suas possibilidades inexauridas: eis o território de caça reservado para o psicólogo nato e amigo da ‘caça grande’” (BM, 45).

Em Humano, demasiado humano, escrito em 1877, logo no início da segunda fase da sua obra, o filósofo já deu as linhas mestras do seu entendimento sobre a psicologia: “*Vantagens da observação psicológica* – Que a reflexão sobre o humano, demasiado humano – ou, segundo a expressão mais erudita: a observação psicológica – seja um dos meios que nos permitam aliviar o fardo da vida” (HH I, 35).

Entretanto, é fundamental esclarecer que termos como Eu, si mesmo, alma, espírito, consciência, entre outros, que nos levam a pensar sobre o que se passa no ápice do corpo humano, para Nietzsche, são nada mais que meras manifestações da vontade de potência⁶. Ou seja, são elementos em ação, num jogo de forças; portanto, não têm estabilidade, concretude ou objetividade. São apenas composições dinâmicas, que os homens não têm condições de apreender e dominar, haja vista que representam construções subjetivas, segmentos de vontade de potência; por conseguinte, são incontroláveis e independentes do querer humano:

Ainda há ingênuos observadores de si mesmos que acreditam existir ‘certezas imediatas’; por exemplo, ‘eu penso’, ou, como era superstição de Schopenhauer, ‘eu quero’: como se aqui o conhecimento apreendesse seu objeto puro e nu, como ‘coisa em si’, e nem de parte do sujeito nem de parte do objeto ocorresse uma falsificação (BM, 16).

Dessa maneira, para o filósofo não existe firmeza, por exemplo, no Eu, na alma, no espírito ou na consciência, como entes que sejam senhores de si. Evidentemente esses elementos, quando se pensa em forma, precisam de um corpo, que também é vontade de potência, para nele estar integrado e existir, mas nada tem vida própria; eles são meras e variadas conformações da referida vontade. Embora, isso não

⁶ VONTADE DE POTÊNCIA. “[...] A vontade de potência aprece então como força eficiente. Querendo-vir-a-ser-mais-forte, a força esbarra em outras que a ela resistem; é inevitável a luta – por mais potência. A cada momento, as forças relacionam-se de modo diferente, dispõem-se de outra maneira; a todo instante, a vontade de potência, vencendo resistências, se autossupera e, nessa superação de si, faz surgir novas formas. Enquanto força eficiente, é pois força plástica, criadora. GEN. *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2016. p.424.



impeça que, enquanto forças em ação, sejam pesquisados, bem como filosófica e cientificamente concebidos. Contudo, de modo bem distante de construções filosóficas dogmáticas:

[...] alguma superstição popular de um tempo imemorial (como superstições da alma, que, como superstição do sujeito e do Eu, ainda hoje causa danos), talvez algum jogo de palavras, alguma sedução por parte da gramática, ou temerárias generalizações de fatos muito estreitos, muito pessoais, demasiado humanos” (BM, Pr).

Observa-se que o pensamento nietzschiano sobre as questões da *psique* foi se aprofundando e amadurecendo, até o pico, alcançado na fase final da sua vida espiritual produtiva, o que ocorreu em 1888. O filósofo na *Genealogia da moral*, por exemplo, chegou ao conceito de *má consciência*, semelhante ao mais difundido *sentimento de culpa*, de Sigmund Freud. Porém, Nietzsche foi adiante e tocou, de maneira bem fundamentada, na questão espiritual (ou profunda) do sentido da vida, como bem ilustra a conclusão da *Genealogia da moral*: “o homem preferirá ainda querer o nada a nada querer...” (III GM, 28).

O pensador, nos seus vários registros da expressão *si mesmo* –, desprezada pela igreja, resgatou também a frase: *Conhece-te a ti mesmo* – popular já cerca de sete séculos antes de Cristo⁷. A esse respeito, pontuou: “Uma coisa que se esclarece deixa de nos interessar. – Que queria dizer o deus que aconselhou: ‘Conhece a ti mesmo’? Isto significa talvez: ‘Deixa de interessar-te por ti! Torna-te objetivo’ – E Sócrates? – E o ‘homem científico’?” (BM, 80).

Essa última citação, entretanto, soa mais como um lembrete nietzschiano, para quem os gregos da antiguidade seriam mais sábios do que os romanos que abraçaram o cristianismo. Ao longo de sua obra, é possível observar que o filósofo admirou a sabedoria grega até os pré-socráticos, pois a partir de Platão esse *conhece-te a ti mesmo* começou a ganhar contornos de essência metafísica. Além disso, ele apontou

⁷ O filósofo resgatou as frases que estavam escritas no templo de Apolo, em Delfos e escreveu: “Apolo, como divindade ética, exige dos seus a medida e, para poder observá-la, o autoconhecimento. E assim corre, ao lado da necessidade estética da beleza, a exigência do ‘Conhece-te a ti mesmo’, e ‘Nada em demasia’, ao passo que a autoexaltação e o desmedido eram considerados como os demônios propriamente hostis da esfera não apolínea, portanto como propriedades da época pré-apolínea, da era dos Titãs e do mundo extra-apolíneo, ou seja, do mundo dos bárbaros” (NT,4).



que o cristianismo associou-se com o divulgador de Sócrates e seus seguidores e isso teria sido nocivo para o mundo ocidental. Com efeito, a tradição cristã foi muito influenciada pelo pensamento de Platão, buscando essências e verdades, enquanto os pré-socráticos eram mais céticos, no que se refere à possibilidade do homem acessar um mundo perfeito, pois esse mundo não era concebido pelos antigos e trágicos gregos.

Outro aspecto que se pode apreender no pensamento nietzschiano sobre o autoconhecimento é a importância dada por ele a consciência humana, desenvolvida por meio do conhecimento, como se observa a seguir: “Por que o conhecimento, o elemento do pesquisador e do filósofo, está associado ao prazer? Primeiro, e sobretudo, porque com ele nos tornamos conscientes de nossa força” (HH I, 252). Todavia, vale lembrar que para Nietzsche o ser humano não tem domínio sobre a sua força ou vontade. Isso porque nós somos apenas vontade de potência, sendo esta vontade indomável. Nossos impulsos, nossas reações aos outros, ao meio ambiente e ao que desconhecemos em nós mesmos, estão, de forma apenas limitada, acessíveis para nós. Por isso, para ele, nós teríamos apenas parcial conhecimento e controle das nossas ações. Não obstante, temos responsabilidade pelos nossos atos, dado à existência de uma moral, embora não fixa.

Com efeito, para Nietzsche existe no homem a consciência moral; que vai, gradualmente, sendo imposta a cada pessoa. A consciência moral, portanto, não é algo inato, mas está a cada momento sendo confrontada, se definindo e redefinindo a golpes de martelo⁸⁹. Nesse sentido, o filósofo disse que o homem pode prometer, mas também é capaz de esquecer as suas promessas, visto que a mente humana é limitada, de modo que só lembramos o que é encaixado ou fixado na psique com muito empenho ou particularidade (martelado com força), bem como o que biologicamente já nasce conosco, de forma similar a uma herança genética. Logo, a consciência

⁸ O martelo ora não é visto como instrumento para destruição, como também nele pensou Nietzsche, visando demolir a cristandade. Com outro emprego, aqui é um instrumento para fixar padrões morais na consciência. Nesse sentido, o filósofo escreveu: “O Espírito é a vida que corta na própria vida: no próprio sofrimento aumenta o próprio saber – sabíeis isso? [...] Conheceis apenas centelhas do espírito: mas não vedes a bigorna que ele é, nem a crueldade do seu martelo! (ZA, II, “Dos sábios famosos”).



moral, o valor que se atribui ao bem e ao mal é mutante entre culturas, entre parcelas de uma mesma cultura e mesmo ao longo da vida de cada pessoa.

Dessa forma, no pensamento nietzschiano não cabe o imperativo categórico, como existe na filosofia de Kant, a qual desafia: “[...] é tempo, finalmente, de substituir a pergunta kantiana: ‘como são possíveis juízos sintéticos a priori?’, por uma outra pergunta: ‘por que é necessária a crença em tais juízos?’” (BM, 11). Para o filósofo do martelo, não há necessidade de tal crença porque, para ele, não existem juízos sintéticos a priori; o que há é a imprevisibilidade dos choques dinâmicos e o que surge como resultado do embate entre impulsos e vontades atuantes em cada pessoa. Nessa linha, considera que a consciência de si, da sua existência, a possibilidade de autorreflexão é, apenas, o espírito humano, a sua particularidade diante dos outros animais.

Nietzsche refletiu sobre a espécie humana em sua trajetória na Terra, não vislumbrando aí qualquer sinal de evolução em direção a um ser metafísico ideal e superior. Para ele, os seres humanos simplesmente existem, como quaisquer outros entes da natureza – o que existe se ajusta ao meio, mas isso não implica uma adesão à crença na teoria de Darwin. A questão sobre se ele vai fazer bom uso do espaço que ocupa na Terra, dependerá da sua capacidade de organização enquanto espécie. Nesse intento, o filósofo esboçou uma ideia para a convivência dos homens, após o ocaso religiosidade, como supôs: “Após o fim da crença de que um deus dirige os destinos do mundo [...] os próprios homens deveriam estabelecer para si objetivos ecumênicos, que abranjam a terra inteira [...] não é absolutamente desejável que todos os homens ajam do mesmo modo” (HH I, 25).

3. OMISSÕES DA IGREJA E DE NIETZSCHE SOBRE O RESUMO DA LEI E DOS PROFETAS

Inicialmente destacando que é difícil amar a quem não se conhece, o que também pode aplicar-se ao próprio Eu, chega-se ao último ponto deste artigo, que, em essência, está voltado para resgatar o elemento que encontra-se na outra metade da regra de ouro e do mandamento do amor – o *ti mesmo* – a parte esquecida. É importante ressaltar que esse menosprezo do Eu foi uma omissão da própria igreja,



fato que prevalece nos dias atuais, como se observa nos comentários das principais bíblias de estudo traduzidas no Brasil. Ao mesmo tempo, neste tópico, coloca-se o foco na *omissão* de Nietzsche sobre outro fato, qual seja: não ter considerado que Cristo juntou, nas suas resumidas máximas, o *si mesmo* com o *outro*, dando igual importância a ambas as pessoas.

Entrementes, o filósofo, ao menos, pensou sobre essa questão, como fica claro no aforismo: “*Opostos – A coisa mais senil que já se pensou a respeito do ser humano está na frase famosa: ‘o Eu é odiável’; a mais infantil, naquela ainda mais famosa ‘Ama teu próximo como a ti mesmo’.* – Numa, o conhecimento do ser humano parou; na outra, nem começou” (HH II,385).

Como se vê, este aforismo versando sobre o mandamento do amor contém a máxima ‘o Eu é odiável’, de autoria de Pascal, escrita no livro *Pensamentos*. Esse dado está registrado em nota do tradutor de Nietzsche para o português, Paulo César de Souza, o qual, também, remete a outro texto nietzschiano, presente no aforismo 79 de *Aurora*, que é coligado ao anterior e complementam-se:

Uma sugestão. – Se nosso Eu, conforme Pascal e o cristianismo, é sempre odiável, como poderíamos admitir que outros o amem – seja Deus ou homem! Seria contrário a toda decência, fazer-se amar sabendo muito bem que merece apenas ódio – para não falar de sentimentos outros, de repulsa. – “Mas este é justamente o reino da graça”. – Então o seu amor ao próximo é para vocês uma graça? Sua compaixão uma graça? Bem, se isto é possível para vocês, deem um passo adiante: amem a si mesmos pela graça – então não mais terão necessidade de seu Deus, e todo o drama da queda e da redenção se desenrolará em vocês mesmos até o fim! (A,79).

Percebe-se nesses textos do autor de *Zaratustra* que o mandamento do amor foi objeto de acurada análise por parte dele. Nesse sentido, na primeira citação, Nietzsche qualifica o ser humano como infantil, porque nem sequer teria começado o seu conhecimento sobre *amar ao próximo como a si mesmo*.

Ademais, verifica-se nos aforismos que ele não fez, diretamente, referência ao amor a Deus, que é a primeira parte do mandamento. Com efeito, o filósofo formulou sua crítica destacando a segunda parte da máxima, ressaltando que seria impossível o amor ao homem, porque, para o cristianismo, a criatura humana seria odiável. Daí se

coloca a questão: como amar algo que a própria igreja afirma ser apenas merecedor de repulsa? Ora, evidencia-se nisso uma contradição por parte do cristianismo: se cada expressão individual do *si mesmo* é odiável, como o próximo, seu semelhante, não seria também odiável? Evidentemente, isso vai de encontro a outro preceito da igreja, a saber, a compaixão, segundo a qual, todo homem merece ser amado.

Levando isso às últimas consequências, poderíamos levantar a seguinte questão: como ficaria o conjunto da espécie, se apenas existisse amor voltado “para fora”? – Para o cristianismo, parece que isso seria possível. Já Nietzsche vê nesse ponto uma contradição e avança, dizendo que só pela graça¹⁰ esse impasse poderia ser solucionado. Então, arremata o filósofo: “Bem, se isto é possível para vocês, deem um passo adiante: amem a si mesmos pela graça”.

Ainda analisando o aforismo 79 de *O Anticristo*, acima citado, queremos ressaltar um fato interessante: Nietzsche recorrer indiretamente ao amor a Deus, ou seja, à primeira parte do mandamento do amor, uma vez que, para o cristianismo, a *graça* é sinal da presença divina entre os homens. Desse modo, soa como se o filósofo ateu estivesse recorrendo a Deus, mesmo que na forma de gracejo, procurando fazer um “aconselhamento” espiritual aos cristãos.

De qualquer maneira, frisa-se que o autor de *Zaratustra* não chegou a pontuar a proclamação de Jesus, no seguinte sentido: os homens devem atentar, igualmente, para as necessidades de amor dos seus semelhantes, tanto quanto para o amor a si mesmos. Além disso, Nietzsche não observou que essas atenções devem se dar conjuntamente, bem como, ao mesmo tempo. Assim sendo, ele não pôde perceber que amar, no mandamento máximo, não é querer tudo para si – não é uma postura egoísta. Igualmente, não é um altruísmo desvairado, em que se vê apenas o bem do próximo e se esquece do seu próprio. Nesse sentido, o filósofo parece não ter atentado que, para Jesus, deve existir “compaixão” também para consigo mesmo.

¹⁰ Estão registrados no Dicionário Houaiss, dentre outros, os seguintes sentidos teológicos para o verbete *graça*: favor ou auxílio gratuito outorgado por Deus a determinados homens que a ele, por si sós, não teria nenhum direito pessoal, e que os eleva a uma destinação sobrenatural (acesso em 10/11/2011, às 9h17 a <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#1>).



Além disso, no mandamento do amor, é possível perceber um equilíbrio entre Deus, Eu e o próximo, aos quais se deve ter atenção concomitante.

Passando para outra perspectiva, qual seja, a da crítica à igreja, lembra-se aqui que, apenas na regra de ouro e no mandamento do amor, Jesus Cristo fez, segundo os evangelhos, a afirmação: “resume a lei e os profetas”. Com efeito, a importância desse dado, em particular, foi pontuada em comentários de algumas das bíblias pesquisadas neste artigo, o que só reforça, também na contemporaneidade, o significado especial dessas palavras do mestre da cristandade.

Especificamente em relação aos comentários a essas duas máximas, é significativo que algumas bíblias estudadas pontuaram que os Dez Mandamentos, nas mãos dos rabinos, se tornaram 631 regras. Em outras palavras, os rabinos dificultaram o entendimento da mensagem original de Moisés. Ora, é importante lembrar que, no caso do cristianismo, o seu Mestre falou que não seriam nem mesmo dez, mas apenas dois, os mandamentos que resumiam a lei e os profetas. Assim sendo, enseja-se a observação: os padres também dificultaram o entendimento da mensagem original de Cristo.

É bem verdade que poderá se afirmar sobre o esquecimento do “si mesmo”, pela igreja, que foram as demais mensagens evangélicas, focadas intensamente na atenção ao próximo, que colocaram o *si mesmo*, em segundo plano. Também, poderá se afirmar que o si mesmo, o Eu ou a *psique* formam um campo de trabalho extremamente complexo, como demonstra a Psicologia, particularmente na contemporaneidade. Ou, ainda poderá se dizer que é inútil focar o *si mesmo*, haja vista que, desde a época dos pré-socráticos, em vão, se tenta filosoficamente entender o Eu, conforme já se anunciava em Delfos: “conhece-te e ti mesmo”. Enfim, nota-se que para o cristianismo, pelo menos até a atualidade, é melhor não cuidar desse campo – ou seja, deve-se deixar de lado o “conhece-te a ti mesmo”.

Dessa forma considerando o estudo dos problemas individuais da *psique*, parece que a igreja, pelo menos o catolicismo, ainda não se encontrou com a ciência psicológica. Se assim for e considerando a opinião de Nietzsche sobre a Psicologia, que deveria ser a *rainha das ciências* (conforme está escrito no prólogo da *Genealogia da moral*),



aqui considera-se que a igreja ainda não estaria em condições de pregar, plenamente, Jesus no século XXI – haja vista esse descompasso da religião com o conhecimento do “humano, demasiado humano”.

Por outro lado, voltando nossa atenção ao autor de *Zaratustra*, alguns questionamentos críticos podem ser levantados: 1) por que Nietzsche sequer mencionou e até mesmo ignorou Jesus Cristo como um verdadeiro pregador da simultânea importância do Eu, da expressão *si mesmo*, conjuntamente com o outro?; 2) Por que desconsiderou o fato de o mestre do cristianismo ter feito igual registro dessas duas pessoas, tanto na *regra de ouro*, como no *mandamento do amor*? Ou além: 3) por que Nietzsche não registrou que o líder do cristianismo afirmou, com todas as letras, que as pessoas deveriam cuidar de si mesmas, do mesmo modo como deveriam prestar atenção aos outros?

De fato, é difícil encontrar uma resposta em termos de causa-efeito – explicativa, para esses questionamentos. Entretanto, fica claro que o filósofo cometeu um equívoco, ao tratar a questão, tão somente, de forma separada. Por um lado, há apenas a sua crítica à compaixão, qual seja, à extrema importância dada pela igreja ao próximo. Por outro lado, com a sua proclamação da ciência psicológica, como fonte para análise e conhecimento da alma humana – o *si mesmo*, ressaltou a relevância que deveria ser dada ao humano, demasiado humano. Seja como for, não considerou conjuntamente o eu e o próximo, enfim, o todo que o homem forma com a humanidade.

Pensamos que, pelo menos, duas hipóteses podem ser levantadas sobre essa omissão de Nietzsche. De antemão, aqui acredita-se que a segunda hipótese tem maior peso do que a primeira:

1. Ele pode ter sido influenciado, de forma inconsciente, pela interpretação cristã de então. Ou seja, a força do inconsciente venceu o seu espírito ou pensamento crítico. A favor desta alternativa, pesa a formação educacional e o ambiente familiar do filósofo, filho e neto, por parte de pai e de mãe, de pastores luteranos. Registra-se que Nietzsche ficou órfão de pai aos cinco anos, mas a família empenhou-se na sua educação religiosa e, aos 17 anos, o filósofo chegou a fazer a confirmação da fé protestante. É importante aqui

destacar que Lutero escreveu, na sua tradução da Bíblia, reflexões sobre os textos de todas as versões dos evangelistas, referentes à regra de ouro e ao mandamento do amor¹¹. E, nesses textos, a defesa da atenção ao próximo, com o enaltecimento da compaixão, é fortíssima. Logo, pode-se supor que a força da pregação, vinda de Lutero, tenha impossibilitado a percepção do filósofo sobre o amor amplo e concomitante de Cristo, tanto pelo Eu humano por si mesmo, como o amor ao próximo.

2. Se não escreveu uma análise abrangente e profunda das duas máximas de Cristo, isso pode ter ocorrido de forma consciente e responsável. Afinal, tinha grande conhecimento dos evangelhos, fato facilmente percebido nas várias citações bíblicas que aparecem na sua obra, inclusive sobre as passagens aqui examinadas. Mais ainda, o filósofo tinha o projeto de destruir o cristianismo (embora, por vezes, considere Jesus Cristo como um *Nobre*¹²), porque acreditava que junto à cristandade, o homem tenderia à decadência. Nesse sentido, como Nietzsche não separou a pessoa de Jesus, do corpo da igreja, tratou de “martelar” a destruição da religião cristã como um todo. Logo, não faria sentido, para o filósofo, fazer um “elogio” dessas mensagens cristãs, reconhecendo, assim, o valor das palavras máximas de Jesus.

Neste ponto, é significativo registrar o texto de Nietzsche sobre o seu intento anticristão: “Para se erigir um santuário, é preciso antes destruir um santuário: esta é a lei – mostrem-me um caso em que ela não foi cumprida!...” (GM, II, 24). Ainda, neste parágrafo de *Genealogia da moral*, ele acrescenta: “Algum dia, porém, num tempo mais forte do que esse murcho, inseguro de si mesmo, ele virá, o homem redentor, o homem do grande amor e do grande desprezo, o espírito criador cuja força impulsora

¹¹ As reflexões do pai do protestantismo estão na tradução da Bíblia de Lutero para o português, feita por João Ferreira de Almeida. Pontua-se que para o historiador e tradutor brasileiro de Nietzsche, Paulo César de Souza, essa é a mais satisfatória tradução cristã em nossa língua (NIETZSCHE.2008. p.327).

¹² Está em *Assim falava Zaratustra*, sobre Jesus: “Crede em mim irmãos! Ele morreu cedo demais; ele próprio teria renegado sua doutrina, se tivesse alcançado a minha idade! Era Nobre o bastante para renegá-la!” (Za, p71). Sabe-se que ser nobre para o filósofo é o mesmo que ser forte e vitorioso.



afastará sempre de toda transcendência e toda insignificância, cuja solidão será mal compreendida pelo povo, como se fosse fuga da realidade – (GM, II, 24).

Considerando as várias fases e nuances dos escritos do filósofo do martelo, dentre elas a destacamos a sua concepção do “além do homem” e, nesse sentido, a proclamação que está no final da segunda dissertação da GM: “Neste ponto não devo senão calar: caso contrário estaria me arrogando o que somente a um mais jovem se consente, a um “mais futuro”, um mais forte do que eu – o que tão só a Zaratustra se consente, a *Zaratustra, o ateu...*” (GM, II, 25).

Os autores deste artigo entendem que nesses três últimos textos citados o filósofo demonstrou, não apenas o anseio pela destruição da cultura cristã, como também a conclamação para que os próprios seres humanos assumissem seu potencial para ir além de si. Entretanto, acreditam que esse viver além de si pode manifestar-se a qualquer tempo e no espaço de cada homem, aqui mesmo, como um ser forte, alegre, consciente e vitorioso, celebrando a vida na Terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nietzsche, já no final da sua vida mental produtiva, afirma que a verdadeira busca humana é pelo *encontro de um sentido na vida*: “[...] o animal homem, não teve até agora sentido algum. Sua existência sobre a terra não possuía finalidade [...] faltava a vontade de homem e terra [...] uma vontade de nada [...], mas é e continua sendo uma vontade... [...]: o homem preferirá ainda querer o nada a nada querer...” (III GM, 28).

A esse respeito, um sentido foi apresentado, por meio da *Regra de ouro* e do *mandamento do amor*, estudados neste artigo. Possivelmente, o que ainda falta seja seguir essas orientações de 2.000 anos, as quais apenas repetem indicações de textos judaicos anteriores, mais complexos. Ademais, observando a história, parece que a alternativa resumida pelo Homem de Nazaré é a única posta no Ocidente, com clareza, para a humanidade. Inclusive, no aspecto da reciprocidade, a *regra* é semelhante ao que Maomé também falou, conforme o Alcorão, versículo 126, Sura 16: “Quando castigardes, fazei-o do mesmo modo como fostes castigados; porém, se fordes pacientes será preferível para os que forem pacientes” (ALCORÃO, Fambras,



2017)¹³. Inversamente aos ensinamentos religiosos, outra possibilidade que se apresenta, seria a de o homem entregar-se a um viver sem muita reflexão, em meio às infinitas e possíveis vontades de potência naturais ou cósmicas, o que a nosso ver poderá levá-lo a sucumbir por si mesmo, de forma precoce.

Por outro lado, o que Cristo disse não é de difícil entendimento. Parece mesmo uma lei natural, como bem lembrou e escreveu Lutero, na sua reflexão sobre Lucas 6,31: “Uma sentença verdadeiramente boa não pode ser tirada de livros; deve provir de uma reflexão livre, como se não existisse livro algum. Essas sentenças livres emanam do amor e do direito natural, do que toda a razão está cheia” (BÍBLIA, Almeida, 2015). Entrementes e com base em Nietzsche, é possível constatar que a *regra de ouro* e o *mandamento do amor*, ainda, estejam aguardando para serem percebidos e ensinados de modo correto, para só então poder tornar-se, enfim, algo comum entre os homens.

REFERÊNCIAS:

ALCORÃO SAGRADO. Federação das Associações Muçulmanas do Brasil – Fambras, 2017.

BÍBLIA SAGRADA COM REFLEXÕES DE LUTERO. Almeida Revista e Atualizada, 2ª ed. SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

BÍBLIA SAGRADA: Edição de Estudos. São Paulo: Editora Ave Maria, 2011.

BÍBLIA SAGRADA: Edição Pastoral. São Paulo: Editora Paulus, 1991.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Editora Paulus, 2002.

BÍBLIA DO PEREGRINO. São Paulo: Editora Paulus, 2000.

BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA - TEB. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

BÍBLIA SAGRADA TRADUÇÃO CNBB: Edições CNBB. Brasília – DF, 2012.

CLARK, Maudemarie. *A alma de Nietzsche: uma provocativa interpretação da obra Além do bem e do mal*; tradução Mário Molina. São Paulo: Cultrix, 2016.

DICIONÁRIO NIETZSCHE [editora responsável Scarlett Marton]. – São Paulo: GEN, Edições Loyola, 2016. – (Sendas & Veredas).

¹³ Comentando essa passagem do Alcorão, diz Sousa: “Apelava-se, portanto, à consciência do julgador, fosse ele particular, fosse ele juiz em tribunal [...] apelava-se às mais elementares regras da Moral que, no fim de contas, é a base do Direito” (SOUSA, p.180, 1986).



FREUD, S. *O mal estar na civilização*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

KONINGS, Johan. Traduções bíblicas católicas no Brasil (2000-2015). *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.*, Curitiba, v. 8, n. 1, 89-102, jan./abr. 2016.

MELO NETO, João Evangelista. Nietzsche: o eterno retorno do mesmo, a transvaloração dos valores e a noção de trágico. São Paulo: O autor, 2013. Tese de doutorado defendida no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo.

NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras (companhia de bolso), 2015.

_____. *Aurora*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras (companhia de bolso), 2016.

_____. *Ecce homo*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras (companhia de bolso), 2008.

_____. *Genealogia da moral*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras (companhia de bolso), 2009.

_____. *Humano, demasiado humano*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras (companhia de bolso), 2005.

_____. *Humano, demasiado humano*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *O nascimento da tragédia*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, (companhia de bolso), 2017.

_____. *O Anticristo*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras (companhia de bolso), 2016.

SOUSA, João Silva de. *Religião e direito no Alcorão*. Imprensa Universitária. Editorial Estampa. Lisboa, 1986.

SCHELER, M. *Do eterno no homem*. Trad. Marco Antonio Casanova. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2015.



ANEXO AO ARTIGO: A REGRA DE OURO E O MANDAMENTO DO AMOR ANALISADAS NUMA PERSPECTIVA NIETZSCHIANA E UM LAPSO DO AUTOR DE ZARATUSTRA SOBRE ESSAS MÁXIMAS CRISTÃS.

TRANSCRIÇÕES DOS PRINCIPAIS TRECHOS DOS COMENTÁRIOS DA BÍBLIA DO PEREGRINO, BÍBLIA DE JERUSALÉM, BÍBLIA SAGRADA EDIÇÃO PASTORAL, BÍBLIA SAGRADA EDIÇÃO DE ESTUDOS – AVE MARIA, BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA – TEB.

1. Regra de ouro

Na sequência estão transcritas as partes mais significativas dos comentários sobre a *Regra de ouro*, das edições bíblicas relacionadas no artigo.

1.1 *Bíblia do Peregrino*

Trecho do comentário referente a Mateus: “A regra de ouro, suma de toda a escritura, se encontra, em sua formulação negativa, em outras culturas [...] É outra formulação do amor ao próximo: “como a si mesmo” em sua vertente ativa”.

Trecho do comentário referente a Lucas: “Se alguém procura instintivamente o próprio bem, pense que também os outros o procuram. Se duvida como tratar o próximo, consulte seus próprios desejos. Não somente tratar como o tratam, mas como desejaria que o tratassem [...] Pôr-se na situação do outro, adivinhar seus desejos, sentindo os próprios”.

1.2 *Bíblia de Jerusalém*

Trecho do comentário referente a Mateus 7,12: “Essa máxima de comportamento era bastante conhecida desde a Antiguidade, especialmente no judaísmo [...] mas sob a forma negativa, insistindo que não devemos fazer a outrem aquilo que não queremos que nos façam. Jesus e [...] os escritos cristãos dão a essa máxima uma forma positiva, que é bem mais exigente”.

Sobre Lucas 6,31 não há comentário nessa bíblia.



1.3 *Bíblia Sagrada Edição Pastoral*

Trecho do comentário referente a Mateus 7,12: “No tempo de Jesus ‘Lei e Profetas’ indicava todo o Antigo Testamento. Esta ‘regra de ouro’ convida-nos a ter para com os outros a mesma preocupação que temos espontaneamente para com nós mesmos. Não se trata de visão calculista – dar para receber – mas de uma compreensão do que seja o amor do Pai”.

Trecho do comentário referente a Lucas 6,31: “A vida em sociedade é feita de relacionamentos de interesses e reciprocidade, que geram lucro, poder e prestígio. O Evangelho revoluciona o campo das relações humanas, mostrando que, numa sociedade justa e fraterna, as relações devem ser gratuitas, à exemplo do amor misericordioso do Pai”.

1.4 *Bíblia Sagrada Edição de Estudos – Ave Maria*

Trecho do comentário referente a Mateus 7,12:A “‘regra de ouro’ (v.12) não é nova; de uma maneira ou de outra encontra-se no código ético de todas as religiões e culturas. [...] Sua novidade encontra-se na perspectiva radicalmente diferente sob a qual se coloca a presença do Reino de Deus entre nós, que revoluciona o comportamento mútuo abrindo-o a criatividade de um amor que não conhece proporções nem limites”.

Trecho do comentário referente a Lucas 6,31: “A proposta de Jesus, ou mais que proposta, a ordem a seus seguidores é a busca da instauração de uma sociedade construída sobre as bases de relações absolutamente contrárias às estabelecidas até o presente; [...] à qual se chega não pela eliminação das classes dominantes, mas sim pela eliminação sistemática das estruturas e sistemas que estão na raiz da divisão classista”.

1.5 *Bíblia Tradução Ecumênica – TEB*

Trecho do comentário referente a Mateus 7,12: “A ‘regra de ouro’ de 7,12 era conhecida no mundo antigo. Jesus a renova em dois pontos: não se trata de praticar o bem para recebe-lo em retorno, mas de tomar a iniciativa deste bem, sem contar com retribuições. Por outro lado, a regra é apresentada como um resumo do pensamento bíblico: a Lei e os Profetas”.

Trecho do comentário referente a Lucas 6,31: “Mt 7,12 diz que nisso consiste a Lei e os Profetas, isto é, o resumo da revelação do AT. Lc deixa de lado esta fórmula: para ele, a Lei e os Profetas são essencialmente profecias acerca de Jesus (24,27,44)”.



2. Mandamento do amor

Na sequência estão transcritas as partes mais significativas dos comentários sobre o *Mandamento do amor*, das edições bíblicas relacionadas no artigo.

2.1 *Bíblia do Peregrino*

Trecho do comentário referente a Mateus 22,34-40: “A pergunta se explica, porque os fariseus contavam 613 preceitos na lei, 365 proibições e 248 mandamentos. [...] Jesus responde combinando Dt 6,5 com Lv 19,18. A integração dos dois amores, de Deus e do próximo, é seu ensinamento fundamental. A lei e os profetas é toda a Escritura (Mt, 7,12)”.

Trecho do comentário referente a Marcos 12,28-34: “No AT há decálogos, dodecálogos, listas de preceitos, códigos legais, decisões de jurisprudência. Regulavam a conduta do israelita observante. A tradição rabínica contou até 613 preceitos, 365 proibições e 248 mandatos [...] Jesus propõe dois [...] Ao acrescentar que “não há outro maior”, implica que qualquer preceito deve submeter-se aos dois primeiros”.

Trecho do comentário referente a Lucas 10, 25-28: “Jesus faz aquele que pergunta responder; ele não legisla, mas urge o cumprimento. O letrado responde sintetizando todos os preceitos (seiscentos e treze na conta dos rabinos) em dois [...] O homem consegue a plenitude da vida saindo de si: para Deus e para o próximo [...] Os dois mandamentos são não somente síntese, mas também alma de todos os outros; somente o amor dá sentido e justifica a lei”.

2.2 *Bíblia de Jerusalém*

Trecho do comentário referente a Mateus 22,37-40: “Esses dois preceitos, do amor a Deus e do amor ao próximo, encontram-se também associados na Didaque 1,2, que poderia repetir aqui um tratado judaico sobre os Dois caminhos (cf.7,13+)”.

Trecho do comentário referente a Marcos 12,28-34: “O monoteísmo é, no NT, tão intransigente como no judaísmo [...] Paulo exortará os pagãos a “se converterem” ao único Deus vivo [...] Segundo o apóstolo Paulo, toda a obra de Jesus Cristo provém de Deus e a ele se destina, porque ele a faz retornar à sua própria glória [...] O evangelho de João trata do assunto de modo diverso: Jesus vem do Pai [...] e vai ao Pai”.

Trecho do comentário referente a Lucas 10, 25-28: não há comentário.



2.3 Bíblia Sagrada Edição Pastoral

Comentário referente a Mateus 22,37-40: A Bíblia informa: *Cf. nota em Mc 12,28-34*. Esta nota é a seguinte.

Trecho do comentário referente a Marcos 12,28-34: “Jesus resume a essência e o espírito da vida humana num ato único com duas faces inseparáveis: amar a Deus com entrega total de si mesmo, porque o Deus verdadeiro e absoluto é um só e, entregando-se a Deus, o homem desabsolutiza a si mesmo, o próximo e as coisas; amar ao próximo como a si mesmo, isto é, a relação num espírito de fraternidade e não de opressão ou de submissão”.

Trecho do comentário referente a Lucas 10, 25-28: “O primeiro que coloca obstáculos no caminho de Jesus é um teólogo. Este sabe o amor total a Deus e ao próximo é que leva à vida. Mas, não basta saber. É preciso amar concretamente. Nessa tarefa prática, o amor não leva em conta barreiras de raça, religião, nação ou classe social [...] O legista estabelecia limites para o amor: “Quem é o meu próximo?” Jesus muda a pergunta: “O que você faz para se tornar próximo do outro?”

2.4 Bíblia Sagrada Edição de Estudos – Ave Maria.

Trecho do comentário referente a Mateus 22,37-40: “A pergunta se explica porque os fariseus contavam 631 preceitos na lei. Devia-se sabe-los e praticá-los todos. [...] Para Jesus, o fundamento da relação com Deus e com o próximo é o amor solidário. A integração dos dois amores de Deus e do próximo é seu ensino fundamental. A lei e os profetas são toda a Escritura (Mt 7,12), pois bem: o amor é a chave da Escritura”.

Trecho do comentário referente a Marcos 12,28-34: “O fundamentalismo religioso dos fariseus e dos doutores da lei havia multiplicado os dez mandamentos em aproximadamente 630 mandamentos. Um dos doutores da lei, sinceramente confundido, pergunta a Jesus sobre o mandamento principal. Jesus [...] responde que não é um, e sim dois: o amor a Deus e o amor ao próximo. Do amor a Deus, antes que ritos e promessas, deve nascer sempre o amor e a solidariedade pelos irmãos”.

Trecho do comentário referente a Lucas 10,25-28: “Quem é o meu próximo?. Para o judaísmo tradicional, o próximo era o irmão do povo, o outro de origem israelita; os outros que não eram israelitas não eram próximos. Mas mesmo dentro do sistema sóciorreligioso do judaísmo esse próximo devia reunir condições especiais para poder se aproximar de



outro israelita [...] O samaritano que se aproxima do ferido [...] serve para Jesus de modelo do que significa ser próximo”.

2.5 *Bíblia Tradução Ecumênica – TEB*

Trecho do comentário referente a Mateus 22,37-40: “Em Mateus fazem parte de um conjunto de narrativas de conflitos entre Jesus e seus adversários [...] A originalidade deste sumário evangélico da lei não está nas ideias de amor a deus e ao próximo [...] mas no fato de Jesus assimilar um ao outro [...] As palavras como a ti mesmo significam: é preciso amar ao próximo totalmente, de todo o coração. Disso não se deve entender uma recomendação a amar primeiro a si mesmo, para depois e igualmente amar o próximo”.

Trecho do comentário referente a Marcos 12,28-34: “O Senhor, nosso Deus, o Senhor é um. Diversas traduções foram adotadas (é um só Senhor, é um único Senhor), conforme a interpretação que se dá ao texto hebraico de Dt 4, a tradução adotada estribase no v.32. Com todo o entendimento difere do v.30 e parece corresponder a com todo o teu pensamento. Em Dt 6,5 encontra ou coração ou pensamento”.

Trecho do comentário referente a Lucas 10, 25-28: “Enquanto Mt e Lc relatam este episódio nos últimos dias de Jesus em Jerusalém, Lc o insere aqui no começo da viagem de Jesus, encabeçando os ensinamentos dados aos discípulos. Ele completa a lição acrescentando-lhe a parábola do bom Samaritano; esta mostra como o discípulo deve ser próximo de todos. Em Lc, Jesus responde por uma pergunta. [...] Lc quer mostrar aqui como a mensagem de Jesus estava preparada pelo AT”.

